

GEOGRAFIA E FENOMENOLOGIA: UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE ERIC DARDEL (1899-1967)

GEOGRAPHY AND PHENOMENOLOGY: CONTRIBUTIONS FROM THE THOUGHT OF ERIC DARDEL (1899-1967)

GEOGRAFÍA Y FENOMENOLOGÍA: CONTRIBUCIONES DEL PENSAMIENTO DE ERIC DARDEL (1899-1967)

Felipe Kevin Ramos da Silva

Doutorando em Geografia

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

São Paulo, Brasil

prof.felipekevingeo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3881-8791>

RESUMO

Quais as contribuições de Eric Dardel para o pensamento Geográfico? Este questionamento será nossa bússola com objetivo de “resgatar” conceitos fundamentais à geografia; um exercício epistemológico que transcende o aspecto puramente categórico anunciado pela demarcação histórica no/do século XIX. Nesse sentido, iremos mergulhar na obra *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, publicado originalmente em 1952, onde Eric Dardel, nutrido pela fenomenologia de Heidegger, Bachelard, Merleau-Ponty, Lévinas e outros, nos convida a pensar a geografia em sua *géographicité*, lançando à proposta de uma perspectiva geográfica que considere a importância das experiências humanas, da filiação poética e telúrica que há entre o ser do homem (*Dasein*) e as diversas paisagens anunciadas pelo o amor a terra natal.

Palavras-Chave: Experiência Geográfica. Geografia Dardeliana. Ontologia.

ABSTRACT

What are the contributions of Eric Dardel to Geographical Thinking? This questioning will be our compass in order to “rescue” concepts fundamental to geography; an epistemological exercise that transcends the purely categorical aspect announced by the historical demarcation in the nineteenth century. In this sense, we will delve into *The Man and the Earth: Nature of Geographic Reality*, originally published in 1952, where Eric Dardel, nurtured by the phenomenology of Heidegger, Bachelard, Merleau-Ponty, Lévinas and others, invites us to think geography as a performance existential relation of the ontological relationship between man and the earth, proposing to the proposal of a geographical perspective that considers the importance of human experiences, in which such experiences relate to the poetic and telluric affiliation that exists between the being of man (*Dasein*) and the diverse landscapes announced by the the love of the homeland, the geography.

Keywords: Geographic Experience. Dardelian Geography. Ontology.

RESUMEN

¿Cuáles son las contribuciones de Eric Dardel al pensamiento geográfico? Este cuestionamiento será nuestra brújula para “rescatar” conceptos fundamentales a la geografia; un ejercicio epistemológico que

trasciende el aspecto puramente categórico anunciado por la demarcación histórica en/del siglo XIX. En este sentido, ahondaremos en la obra *El hombre y la tierra: naturaleza de la realidad geográfica*, publicada originalmente en 1952, donde Eric Dardel, nutrido de la fenomenología de Heidegger, Bachelard, Merleau-Ponty, Lévinas y otros, nos invita a pensar la geografía en cuanto a su géographicité, lanzando la propuesta de una perspectiva geográfica que considera la importancia de las experiencias humanas, de la filiación poética y telúrica que existe entre el ser humano (Dasein) y los diferentes paisajes anunciados por el amor a la tierra natal.

Palabras clave: Experiencia Geográfica. geografía dardeliana. Ontología.

INTRODUÇÃO

“Mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato...”

Dardel (2015, p. 1).

O que significa pensar a geografia a partir das experiências humanas? Quais caminhos devemos seguir para que as imaginações, as percepções, atitudes, ações e valores possam ser nossas dimensões-guias nos estudos geográficos contemporâneos? O que significa pensar a geografia nesta atmosfera epistemológica que considera, antes de qualquer formulação ou postulação, o amor à terra de origem? Estes questionamentos inspiram a pensar uma *geografia* para além de seu formato cientificista, concebendo uma “consciência geográfica” – como diria Dardel (2015) – capaz de reconhecer a gênese de sua própria essência de ser enquanto ciência dos fenômenos da vida e dos sentidos de habitar a Terra.

Trazendo para contexto amazônico, nessa perspectiva, Eidorfe Moreira (1989), por exemplo, defende a importante noção de “sentido geográfico da vida” como contraponto à dita “geografia moderna”, sendo, esta última, traduzida por Dardel (2015) como “geografia científica”, isto é, a aplicabilidade geográfica em seu aspecto explicativa sob o prisma geométrico da realidade, convertendo as diferenciações espaciais em princípio categóricos, neutros, “disponível para todas as combinações”, critica Dardel (2015, p. 2).

Há necessidade, portanto, de incentivar debates que percorram não somente os aspectos (método)lógicos de fazer pesquisa em geografia, mas a imprescindibilidade de um debate profundo acerca das dimensões epistemológicas e ontológicas presentes na História do Pensamento Geográfico. Eric Dardel, neste sentido, sem dúvida, é um desses geógrafos que

podem nos auxiliar neste processo, em destaque para sua obra *El hombre y la tierra: naturaleza de la realidad geográfica*, originalmente publicada em 1952 (HOLZER, 2010; GALLO; MARANDOLA Jr., 2017; DAVIM; MARANDOLA Jr., 2020).

Nesse sentido, podemos problematizarmos o que diz respeito a atual realidade e conjuntura acadêmica, e isso se tratando, em nosso caso, da geografia amazônica, onde tais debates ainda deixam a desejar nos cursos de formações em geografia, tanto nas licenciaturas quanto no bacharelado, o que desvela uma molde cientificista de tratar a geografia, conforme observou Pantoja (2019). O Professor Eric Dardel (1899-1967), historiador e geógrafo de formação, nos apresenta outras possibilidades, instigando-nos à diálogos que possam ganhar vida nos espaços acadêmicos e, ao mesmo tempo, como refluxo de energia, oxigenar reflexões e perspectivas geográficas que partam das experiências, de onde o coração pulsa e alma chama por algo próprio, único para além das mensurações, avançando, por essas vias, em metodologias que considerem os sabores, cores, estéticas, as poéticas e, inclusive, os sentidos de vida!

Dimensões importantes se quisermos pensar seriamente os problemas da existência, da “realidade-humana”, como diria Sartre (2012), sobretudo hoje – em especial na região amazônica, caracterizada, conforme Eidorfe Moreira¹, por múltiplas e complexas apropriações do espaço. À vista disso, é necessário retornarmos à década de 1950, na França, onde, segundo Pinchemel (2015), Eric Dardel atuava como Professor nos famosos liceus, momento este, onde as escolas experimentais estavam no auge. Nesta primeira metade do século XX, Eric Dardel, ao lado de Gustave Monod (1885-1968), fundam, em 1959, o liceu Jean-Jacques Rousseau, tornando-se seu diretor, e aposentando-se em 1965.

Durante seu percurso acadêmico, o professor Dardel interessou-se por diversos ramos do conhecimento, para a “história das ideias”, em especial em relação aos mitos, onde fora fortemente influenciado pelas pesquisas de Maurice Leenhardt (1878-1954), sogro de Dardel e

¹ “Eldorado para uns, inferno verde para outros; paraíso para os que a veem coo objeto de estudo, tortura para quantos a tomam como objeto de conquista ou de ambição, a Amazônia não tem sido outra coisa, como realidade histórica, social e econômica, senão o agigantado cenário de uma das mais ingentes experiências tropicais do homem [...] Por isso, quando se fala em ‘complexidade amazônica’, mesmo num sentido geográfico, isso deve ser entendido menos em relação à terra do que em relação ao homem. Não é a natureza por si mesma, mas a condição humana em face dela, que cria verdadeiramente os problemas geográficos. E nenhum problema é mais complexo e ingrato em Geografia do que o de conceituar e sobretudo delimitar regiões, pois nem sempre é possível conciliar, no plano geográfico, as necessidades lógicas do espírito com a ordem naturais das coisas.” (MOREIRA, 1960, p. 11-12).

reconhecido etnógrafo especializado nas populações Kanak, da Nova Caledônia (CLAVAL, 2014; PINCHEMEL, 2015).

Algo interessante que precisamos destacar, é o fato de que Dardel, “pertencia a um meio intelectual completamente diverso do meio naturalista e positivista que predominava, então, na geografia francesa”, o que lhe permitiu uma perspectiva mais ampla e, inclusive, interdisciplinar, tendo como exemplo, os encontros domingos na casa de seu sogro com o “grande historiador, sociólogo e filósofo das religiões”, Mircea Eliade (1907-1986), descreve Claval (2014, p. 157). Além disso, Dardel estabeleceu uma leitura profunda sobre as obras do filósofo alemão Martin Heidegger, sobretudo, a partir dos diálogos com seu cunhado Henri Corbin (primeiro filósofo a traduzir Heidegger para o francês), permitindo, de tal maneira, que Dardel avançasse em sua interpretação geográfica em relação ao conceito-chave *Dasein*, traduzido, aqui, como “pre-sença”.²

Embora sua tese de doutorado estivesse direcionada à temática clássica da pesca, Eric Dardel interessava-se por temáticas de pesquisas diversas. Sua tese, defendida pela Faculdade de Letras da Universidade de Paris, o consagra como um especialista da pesca marítima, estudo no qual é voltado à história econômica e social desta atividade na costa ocidental da França no início do século XVII. Vale ressaltar que Dardel, de formação é historiador, mas, segundo Claval (2014), tal formação, na época, dava-lhe também o título de geógrafo, pois a formação era semelhante, o que lhe permitia lecionar as duas disciplinas.

Pois bem, em sua banca de doutorado, estavam renomados pesquisadores como M. M. Labrousse, Herubbel, Schmidt e Max Sorre, sendo presidida por M. Renaudet (PINCHEMEL, 2015). Essa trajetória de Eric Dardel pode nos dizer, mesmo que minimamente, o círculo acadêmico no qual estava inserido, embora nunca tenha lecionado nas Instituições de Ensino Superior da França³. Todavia, isso não o inviabiliza de suas contribuições à História do Pensamento Geográfico, contribuições essas que trazem, como diria Pinchemel (2015), “outras

² Ver entrevista: Heidegger e a Política. O caso de 1933. Concedida ao Semanário *Der Spiegel* e realizada pelos repórteres Rudolf Augstein e Georg Wolff. In: Tempo Brasileiro, nº 50, julho-setembro, 1977.

³ Conforme Pinchemel (2015, p. 156). “Dessa atividade universitária, Eric Dardel não obteve qualquer vantagem em sua carreira. O contexto da época, e a personalidade de Dardel, podem prover a explicação”.

filiações de pensamento” que, ao nosso ver, são fundamentais à formação do sentido de ser geógrafo/a.

A história acadêmica de Eric Dardel é, no mínimo, curiosa, porém, não é o objetivo deste artigo analisar tal percurso. Pretende-se trazer ou “resgatar” conceitos/ideias/perspectivas/horizontes que muitas vezes são, até hoje, negligenciados durante os cursos de licenciatura/bacharelado, mas que possuem grande importância para a história do pensamento geográfico, sobretudo se quisermos compreender as atuais transformações dos lugares onde a vida acontece.

A proposta geográfica de Eric Dardel: (des)caminhos fenomenológicos...

“O homem procura a Terra, ele a espera e a chama com todo o seu ser.”

Dardel (2015, p. 43).

Escrever ou falar a respeito da geografia proposta por Dardel (2015), desenvolvida no original *L’Homme et la Terre*, publicado em 1952, é buscar por perspectivas capazes de incorporar campos de ideias que não só residem na geografia em si, mas na interdisciplinaridade com outras ciências e modos de pensar a realidade. Nesse sentido, foi, sobretudo na fenomenologia, que Dardel (2015) aventurou-se para desenvolver a ideia central de seu pensamento: a “geograficidade”. A fenomenologia não como método, mas como ponto de iniciação ao pensamento de que *poeticamente o homem habita* e que, por essas vias, poetas como Hölderlin aparecem como referência em diálogos com geógrafos como Josué de Castro:

Se nos esquecemos do uso, muitas vezes inquietantes, que o homem faz hoje de sua soberania absoluta sobre o plano geral, reforçando sem cessar ‘muito objetivamente’ seu poder de destruição, aniquilando ‘cientificamente’ as vidas humanas pela guerra ou nos campos de concentração, os fatos incontestáveis sobre o terreno da geografia bastam para nos incitar mais prudência e modéstia quando exaltamos nossa visão puramente objetiva do mundo. Prestemos atenção, por exemplo, às advertências muito objetivas de Josué de Castro em sua *Geografia da fome...* (DARDEL, 2015, p. 92-93).

Em meio a diversidade de leituras, Eric Dardel não abria mão de sua formação humana e espiritual. Conforme Pinchemel (2015), ele viveu “autenticamente seu protestantismo”, de modo que sua fé, de acordo com Claval (2014, p. 156), teve um importante papel em sua obra, na ideia de que, para ele, “a primeira tarefa da geografia era a de compreender o sentido que os homens davam a suas vidas na Terra”. É interessante, portanto, observar a versatilidade na qual Eric Dardel se fazia ser. No decorrer da leitura de *L’Homme et la Terre*, podemos observar, entretanto, que Dardel (2015) não se prende à ideia cristã de vida, mas, na busca por um sentido, mas sempre considerando as diversas experiências e sentidos que permeiam à isto que ele chamou de “inquietação geográfica”. E por isso, para Dardel (2015), cada “espaço geográfico é único”.

Uma das propostas da geografia fenomenológica de Dardel (2015) é o despertar constante de uma “consciência geográfica”, onde a paisagem, em sua função estética, faça-se desvelar poéticas, no qual, ao homem e a mulher aparecem as feições da Terra, considerando, desta maneira, o espaço geográfico como “mundo da existência”, conforme interpreta Besse (2014, p. 114). Que significa “mundo da existência”? Trata-se de uma abertura ao maravilhamento dos lugares que constantemente nos atravessam, porém, exigentes de ouvidos seletos, um mergulho sensíveis à tal abertura, como uma tendência profunda de nosso ser que incide em sua constituição originária como ser-no-mundo (*Dasein*). Em outras palavras é buscar compreender, por vias fenomenológicas, segundo Nogueira (2013, p. 4), que “os lugares estão encarnados nos homens e estes traduzem no cotidiano o que é o lugar, revelando uma relação existencial entre eles e o lugar”.

Nesse sentido, Dardel (2015), com base em Heidegger, nos fala de uma “transcendência do possível”, onde o espaço, agora não mais geométrico, recoloca a existência em ato pelo ser existente em sua ontologia fundamental (“ser-ai” ou *Dasein*), manifestada, a partir do fenômeno do encontro intramundano, ou como diria Nunes (2016, p. 18), pelo “circuito da convivência”, a intimidade como princípio da verdade originária que, por sua vez, acentua as estruturas da espacialidade do *Dasein*, do sentido do que é a si mesmo e as outras coisas no mundo circundante. Para um melhor entendimento, vejamos o que Benedito Nunes, em sua introdução à Heidegger, nos diz a respeito da abertura fundamental e sua relação com o *Dasein*:

O homem alimenta o ideal de um conhecimento e de um poder infinito, mas pela sua imersão e pela sua projeção, pela sua fala e pela sua compreensão do ser, pressuposto da comunicação e da interpretação, o *Dasein*, no homem, é finito. E é justamente devido à sua finitude que está sempre aberto ao mundo, em vez de por ele determinar-se e de determiná-lo. A noção de abertura aponta para uma condição pré-teórica, nada cômoda, que precede toda teoria e que é certificada pela angústia, sentimento excepcional de unfamiliaridade com o mundo, tornado inóspito, sem a proteção da vida cotidiana (NUNES, 2016, p. 18).

Podemos dizer que Eric Dardel, além de sua formação protestante, dialoga constantemente com as ideias de Heidegger, sobretudo em relação ao conceito-chave de *Dasein*, de que somos finitos, que a morte é nossa verdade compartilhada, porém, reconhecida em vida e por essa denominação sustentada por cada espaço que tem, no amplo aparato das consciências, um sentido próprio de mundo, único e imensurável, incomparável. É por essas vias existenciais, que o espaço deixa de ser somente geométrico, sob o *prima* cartesiano, e passa a ser analisado como campo de existências, ou melhor, encontro entre diversas formas de existências. Espaços existenciais relevam a consciência de nossa finitude expressas geograficamente que, agora, recheados por memórias, risos, choros, nossos familiares, amigos e amores, são nossos lugares de vida e, portanto, ressoam o sentido do que fazemos na fissura do tempo, no aqui e no agora:

Temporalização de nosso ambiente terrestre, espacialização de nossa finitude, a geografia se dirige, além do saber e da inteligência, ao próprio homem como pessoa e sujeito. Um elemento onde o homem não é o mestre interventor, geralmente inconsciente, na sua experiência geográfica (DARDEL, 2015, p. 40).

Estamos falando de uma poética do habitar. E poética, aqui, não é rima. Trata-se de um modo de perceber a realidade como ela se apresenta. Nesse sentido, podemos dialogar com Eidorfe Moreira, ao dizer que “sempre que o homem vê o mundo exterior em termos paisagísticos e projeta nele sua ação [...] interesses ou curiosidades, temos Geografia [...] sempre que ele incorpora esse mesmo mundo ao seu patrimônio subjetivo [...] temos Poesia” (MOREIRA, 1989, p. 39). As palavras de Eidorfe Moreira referenciam-se ao “rigor” da “geografia moderna”, ou “geografia científica” como diria Dardel (2015, p. 3) que, por sinal, “nada perde ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa e cambiante”. O “espaço geométrico”, oposto ao “espaço geográfico”, conforme

Dardel (2015), anula, em sua retórica cientificista, a abertura fundamental presente na espacialidade, ou melhor, na geograficidade do ser-no-mundo (*Dasein*).

A partir desta transcendência, Dardel (2015) anuncia algo já contido no ser-no-mundo que somos: o fenômeno da temporalidade. A respeito deste fenômeno, entende-se *temporalidade* como essência de tempo assim mesmo como espacialidade ser essência de espaço. De todo modo, o que nos interessa aqui é entender que, a partir da análise fenomenológica, somos e nos constituímos na temporalidade, ou seja, em meio as ações devemos à temporalidade o sentido de nossa finitude. Com base em Nunes (2016, p. 18), podemos entender que “graças a temporalidade [...] o *Dasein* é temporal e, como temporal, existe historicamente”. No fenômeno da temporalidade, encontramos, intrinsecamente envolvida, a espacialização de nossa finitude.

Nunes (2016, p. 18), um dos mais importantes intérpretes de Heidegger, chama nossa atenção, dizendo: “E deve à temporalidade o sentido do seu próprio ser, o cuidado, de que a primeira manifestação, em sua conduta diária, quando sempre está a lidar com os úteis, é a preocupação”. A partir deste pensamento, cabe acentuar que Dardel (2015), de acordo com Heidegger, nos aproxima da ideia de lugar tendo como essência de seu fundamento, a temporalidade. É justamente por vias desse mergulho, na própria existência finita e, portanto, consciência projetiva em “ser-sendo”, diria Heidegger (2010), que Dardel (2015) nos orienta para uma ontologia originária do lugar, pautada na ideia de “preocupação”:

Em nossa relação primordial com o mundo, tal como se manifesta nesse gesto banal, ao nos abandonarmos assim ‘às virtudes protetoras do lugar’, firmamos nosso pacto secreto com a Terra, expressamos, por meio de nossa própria conduta e nossa subjetividade de sujeito se escolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, ‘repouse’. É desse ‘lugar’, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspetos, para trabalhá-la. Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que ‘lar’, o país natal, o ponto de ligação, isto é, para os homens e os povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia (DARDEL, 2015, p. 40-41).

Preocupação é pertencer a si mesmo e atuar como legislador das próprias escolhas e, por conseguinte, assumir as responsabilidades. É nesse escolher-se, em seu próprio projeto de vida, que a história fundamenta-se. No entanto, para isso, é necessário ter consciência do lugar

de origem. Origem, aqui pouco tem a ver com “início”, mas, como diria Heidegger (2010, p. 36), com “aquilo a partir de onde e através do que algo é o que ele é e como ele é”. Em outras palavras, quando Dardel (2015, p. 41) afirma que “antes de qualquer escolha, existe esse ‘lugar’ que podemos escolher, onde ocorre a ‘fundação’ de nossa existência terrestre e de nossa condição humana”, o geógrafo refere-se à essência, ou seja, questiona o lugar originário em busca do lugar enquanto referência e sentido de mundo, de vida.

Declama a consciência de nossa finitude como preocupação fundamental para o sentido de vida e lugar, dos modos como habitamos a Terra. De tal maneira, “todo homem tem seu país e sua perspectiva terrestre própria”, diria Dardel (2015, p. 41), referindo-se, agora, a ideia de lugar em sua dimensão escalar para além da matematização territorial de um país, mas dos modos intersubjetivos presentes na ideia de lugar. Darde (2015), neste momento, baseia-se na obra *De l’existence à l’existant*, de Emmanuel Lévinas, anunciando a importância do lugar originário como “base de nossa existência” e fundamento que desperta, digamos, uma certa audácia, coragem para irmos ao encontro de outros lugares, de modo que isso constitui nosso ser enquanto existente. A partir disso, tomamos consciência do mundo, de nossa complexidade, nem sempre como seres ativos, mas conforme diálogos que estabelecemos com os acontecimentos. Dardel (2015), neste sentido, chama nossa atenção para a Terra como base e meio de nosso repouso, da existência possível:

A Terra, como base, é o advento do sujeito, fundamento de toda consciência a despertar a si mesma; anterior a toda objetivação, ela se mescla a toda tomada de consciência, ela é para o homem aquilo que ele surge no ser, aquilo sobre o qual ele erige todas as suas obras, o solo de seu habita, os materiais de sua casa, o objeto de seu pensar, aquilo a que ele adapta sua preocupação de construir e de erigir (DARDEL, 2015, p. 41).

Eric Dardel, afirma, portanto, que há algo indefinível e que, em parte, permanece misterioso. Um jogo entre a manifestação de um fenômeno e, ao mesmo, seu velamento como parte convidativa de outras interpretações. Uma hermenêutica do olhar, portanto, se estabelece como narrativa de aproximação de um mesmo fenômeno a ser descrito ou, fenomenologicamente, analisado. Para esse entendimento, Dardel (2015, p. 42) baseia-se no estudo “A origem da obra de arte”, de Heidegger, onde o sentido de Terra designa-se ao “fundo escuro de onde todos os seres saem para luz”. Que isso significa isso? Para Heidegger (2010),

a Terra, fundamento de nosso habitar, designa-se, antes de qualquer coisa, à dimensão terrestre, isto é, à essência cosmológica da vida, manifestada entre terra-e-céu, rios, campos, florestas, animais, enfim, das quais aparecem à luz de sua totalidade tal como elas são:

Porém, a Terra começa a erguer-se no que um Mundo se abre. Ela se mostra como a que tudo porta, como a que se abriga em sua lei e como a que permanentemente se fecha-em-si. O Mundo exige a sua decisão e medida, e deixa o sendo chegar ao aberto de seus percursos. A Terra, elevando-se e portando, aspira a manter-se fechada em si mesma e a confiar tudo à sua lei. À disputa não é nenhuma cisão como um cindir de uma mera fenda, mas, sim, a disputa é a intimidade do co-pertencer-se dos combatentes. Este traço-cisão reúne rapidamente os oponentes mútuos na providência de sua unidade, a partir do fundamento único (HEIDEGGER, 2010, p. 161).

Dardel (2015, p. 42), neste sentido, diria: “É essa luta incessante entre a luz e a escuridão, entre o Homem e a Terra, que confere a toda construção humana o que ela tem de concreta e de real...”. Neste embate, no “traçar-cisão”, conforme Heidegger (2010), acontece o estabelecimento de uma relação de confiança, onde as diversas realidades geográficas se manifestam em sua “historicidade fundamental” (DARDEL, 2015). Neste embate, algo próprio acontece em cada lugar e, em sua abertura como mundo, dispendo-se “enquanto disputa em um sendo a ser-produzido” (HEIDEGGER, 2010, p. 161). É a abertura da verdade em termos de sentido de vida e lugar aliados à dinâmica das paisagens e seus *signos*. Existe, por assim dizer, uma constituição ontológica que envolve, mutualmente, a Terra e os quem aqui e ali a habitam.

O que se trabalha ali ou aqui, em termos de habitar e construir já anuncia realidades geográficas em um embate com aquela determinada parte da Terra. A paisagem, como mundo circundante, se estabelece junto-com quem ali habita, uma “linguagem intencional”, como diria Merleau-Ponty (1994), se estabelece na experiência, de modo que, uma casa de palafita à beira rio, por exemplo, assim o *é* pois se justifica a partir da dinâmica do rio como poderoso *signo* gerenciador da paisagem ribeirinha. Não é, portanto, somente um habitar-construir como mero morar, mas um se fazer-ser na constituição ontológica no embate Homem-Terra, no habitar poético. Este traço fundamental da existência, ou, realidade humana terrestre, ressalva em seu projeto único a observância de que “a Terra é, por excelência, para o homem, como destino, a circunstância (*circumstare*), aquilo que se ergue à sua volta e mantém sua presença como engajamento no Ser” (DARDEL, 2015, p. 43).

Nessa perspectiva, Dardel (2015, p. 4) nos convida ao entendimento da importância da descritividade sensível relatada pelos poetas que, pelo espírito literário, os “caminhos da imaginação”, permitem a abertura de uma “geografia de sonhos”; o “direito de sonhar”, diria Bachelard (2009). Dardel (2015) anuncia a relevância da geografia para além dos moldes de mera disciplina ou pura ciência aplicada, pois, agora, sua preocupação é com uma nova abordagem, onde os problemas da existência humana sejam centrais. E para isso, em um primeiro momento, Dardel (2015) escreve sobre seu entendimento de “espaço geográfico”, questionando a geografia como criação científica do século XIX:

O desenvolvimento da ciência geográfica no século XIX é uma das manifestações características do espírito moderno no Ocidente. Depois da Idade Média e de sua inquietude metafísica, ao final do humanismo atento aos problemas psicológicos, morais e políticos do Homem, o mundo ocidental voltou-se para a Terra, o espaço e a Matéria. Sua vontade de poder, impaciente em se instalar nas dimensões do mundo exterior, se apodera do universo pela meditação, o cálculo e a análise. Sob esse aspecto, a ciência geográfica faz parte, com a cosmografia, a geologia, a botânica, a zoologia, a hidrografia ou a etnografia, dessa Geografia universal preocupada em empreender o mundo *geograficamente*, em sua extensão e suas ‘regiões’, como fonte de forças e horizonte da vida humana (DARDEL, 2015, p. 1).

E segue, neste sentido, nos situando para seguinte lição:

Mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. O amor ao solo natal ou a busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2015, p. 1-2).

Existe uma inquietação em Dardel (2015). E essa inquietação nos faz lembrar da ideia de “intencionalidade”, trabalhada por Husserl (2001), de modo que, por “traz” da ciência geográfica existe algo que a sustenta e dá sentido à sua forma de ser vivida. Conforme descreve Besse (2015, p 113), “é necessário imaginar que Dardel não sabe o que é a geografia, e que ele ensaia uma resposta [...] Dardel nos convida a reconsiderar a intencionalidade fundadora da geografia”. Portanto, Dardel (2015) não está preocupado com fatos categóricos referentes, por

exemplo, ao idealismo Kantiano, ou com uma introspecção derivativa da realidade Cartesiana, mas com os sentidos que emanam da *geografia* como fenômeno da existência humana:

[...] assim a geografia autoriza uma fenomenologia do espaço. Nesse sentido, podemos dizer que o espaço concreto da geografia nos liberta do espaço, do espaço infinito, desumano do geômetra ou do astrônomo. Ele nos coloca no espaço em nossa dimensão, em um espaço que se dá e que responde, espaço generoso e vivo aberto diante de nós (DARDEL, 2015, p. 26).

Um encaminhamento geográfico, ou, uma educação geográfica que pouco estamos acostumados. É, sem dúvida, uma leitura original, de modo que, segundo Claval (2014, p. 157), “pela primeira vez, o sentimento religioso, os mitos, a dimensão imanente ou transcendente de alhures, de onde a vida é julgada, tornaram-se aspectos centrais da análise geográfica”. No entanto, não custa nada lembrar, que a obra “O Homem e a Terra...”, ignorada pelos “geógrafos franceses dos anos cinquenta”, é somente redescoberta, a partir da década de 1970, em destaque para a tese do professor Edward Relph⁴, intitulada *The phenomenon of place* (1973).

Em um momento que antecede sua tese, Relph (1970) publica um artigo onde procurou investigar a relação entre fenomenologia e geografia, trazendo elementos de outros campos do conhecimento, como da psicologia. Como parte das transformações da geografia cultural norte-americana, Relph (1970), influenciado pelas ideias de geografia para além do economicismo, trabalha com orientações fenomenológicas e existenciais de “mundo” como importante “região” para a compreensão dos “espaços existenciais” ou “espaços vividos”, dos *signos* e elementos vitais da cultura.

Observemos o que escreve Relph (1970):

O método da fenomenologia é uma tentativa de explorar os mundos originais da experiência do homem, rejeitando as abordagens de uma ciência mecanicista e a busca de leis científicas que não têm significado para o homem. O “mundo vivido” da experiência do homem pode ser restaurado a um lugar de proeminência em nosso pensamento. Talvez o aspecto mais importante desse método seja o reconhecimento e a ênfase na intencionalidade das ações do homem. Na fenomenologia, a intencionalidade não se refere simplesmente a uma direção ou propósito deliberadamente selecionado, mas

⁴ Segundo Holzer (2008, p. 141), “Este livro [O Homem e a Terra...], comprovadamente, influenciou Relph em suas pesquisas sobre o conceito de lugar. Se fizermos uma leitura atenta dos artigos de Tuan que versam sobre o tema veremos onde ele foi buscar inspiração.”

também a uma relação de ser entre o homem e o mundo (RELPH, 1970, p. 194. Tradução nossa).

A partir do pensamento de Merleau-Ponty (1994), a fenomenologia busca recolocar as “essências na existência”, como um projeto de sensibilidade a partir das coisas como elas se manifestam enquanto fenômeno próprio, único. Por essas vias, Relph (1970, p. 194), fortemente inspirado em Dardel (2015), conduz seus estudos relacionais entre fenomenologia e geografia, desenvolvendo o sentido de “familiaridade” que, em outras palavras, é a síntese dos “vários estágios” que “devem constituir uma descrição de toda a estrutura dos fenômenos que estão sendo estudados em todos os seus significados possíveis.”

Incorporando com “a poética do espaço” de Gaston Bachelard, além de outros fundamentais fenomenólogos, a geografia de Dardel é um tratado humanista, um convite, uma solicitação a ouvir a voz silenciosa de uma geografia que, antes de ser “ciência”, é experiência viva, que, por meio de uma postura fenomenológica, concebe o *mundo* não como justaposição entre as dimensões sociais e técnicas, mas como possibilidade entre modos de existências (MARANDOLA Jr.; GALLO, 2018).

Mas, não somente E. Relph fora influenciado pela geografia fenomenológica de Eric Dardel. Yi-Fu Tuan, por sua vez, em 1976, publica um artigo intitulado *Space and Place: humanistic perspective*, evidenciando que também havia bebido da água da fonte dardeliana (HOLZER, 2008; 2010). As palavras do professor Eric Dardel, portanto, haviam atravessado o Atlântico e, em sua potência renovadora, “numa linguagem magnífica, clara, musical”, como diria Claval (2014, p. 157), soprou ventos para uma outra perspectiva geográfica: a Geografia Humanista sob bases fenomenológicas (HOLZER, 2010).

Eric Dardel propõe, antes de qualquer coisa, por em questão a totalidade existencial do ser-no-mundo enquanto ser que busca, em sua mundaneidade própria, a consciência de que “o terrestre e o humano se ajustam a uma medida original”, conforme interpreta Besse (2015, p. 112), chamando atenção para a importância do entendimento da geografia enquanto realidade humana. Em outras palavras, Dardel (2015, p.1-2) nos orienta para uma aproximação essencial com a geografia para além de seu formato disciplinar, tendo como norte o que ele chamou de “inquietação geográfica”. Por esses horizontes, acreditamos que é necessário ler Dardel, tendo

em vista um retorno à geografia em sua essência, a primordial origem dos sentidos de ser geógrafo/a.

Do espaço geográfico ao geográfico do espaço

“Cada mundo sempre descobre a espacialidade do espaço que lhe pertence”

Heidegger (1988, p. 152).

De uma forma ampla, Dardel (2015) nos apresenta uma geografia preocupada com os problemas da existência humana, aproximando-nos dos desafios de uma ontologia não suscetível à metafísica clássica, mas às situações recorrentes aos modos de ser de entes que nós mesmos somos na constituição própria de “mundo”. Partindo desse princípio, o geógrafo francês caminha por algo que Heidegger (1988, p. 152) chamou de “espacialidade do ser-no-mundo”, colocando, como tema central deste debate, a “espacialidade do ser-em”.

Vejamos, neste sentido, o que Heidegger (1988) tem a nos dizer:

Ao atribuímos espacialidade à pre-sença, temos evidentemente de conceber este ‘ser-no-espaço’ a partir de seus modo de ser. Em sua essência, a espacialidade da pre-sença não é um ser simplesmente dado e por isso não pode significar ocorrer em alguma posição do ‘espaço cósmico’ e nem estar à mão em um lugar. Ambos são modos de ser de entes que vêm ao encontro dentro do mundo. A pre-sença, no entanto, está e é ‘no’ mundo, no sentido de lidar familiaridade na ocupação com os entes que vêm ao encontro dentro do mundo. Por isso, de, de algum modo, a espacialidade lhe convém, isso só é possível com base nesse ser-em. A espacialidade do ser-em apresenta, porém, os caracteres de *dis-tanciamento* e *direcionamento* (HEIDEGGER, 1988, p. 152).

Em busca de “formular a essência da geografia”, segundo Besse (2015, p. 112), Dardel (2015) assume uma postura interrogativa em relação a ciência moderna e, a partir disso, nos convida à reflexão geográfica, tendo como ícones referenciais “as atitudes humanas no mundo” (BESSE, 2015, p. 112), analisando, por essas vias, “a geografia na perspectiva do próprio geógrafo ou, mais simplesmente, do homem interessado no mundo circundante” (DARDEL,

2015, p. 2). O que se coloca em questão, portanto, é a geografia como ciência objetiva e, sobretudo, seu tratamento enquanto realidade humana.

Nas palavras de Besse (2015):

Trata-se para Dardel de levar a sério o enunciado fundamental da geografia clássica segundo o qual ela é a disciplina que trata das relações do homem com a Terra. Porém essas relações, para Dardel, definem uma ‘geograficidade’ primordial que tem repercussões sobre o modo como devemos considerar a geografia científica. Elas são compreendidas por Dardel como inscrições do terrestre no humano e do homem sobre a Terra, de tal modo que nem o humano nem o terrestre podem ser geograficamente pensáveis um sem o outro. O ‘sujeito’ e o ‘objeto’ se envolvem um no outro, e para dar conta dessa circularidade que constitui propriamente o mundo geográfico, podemos nos manter unicamente no ponto de vista da ciência que analisa e separa os elementos para colocar em seguida o problema de sua síntese [...]. (BESSE, 2015, p. 112).

Para isso, Dardel (2015) precisou seguir por leituras não muito comuns na geografia, o que, conforme Besse (2015), “exigiu uma outra abordagem”. Nessa “outra abordagem”, Heidegger, assim como Nietzsche, Bachelard, Merleau-Ponty, aparecem no sentido de contribuir com uma interpretação onde a geografia apareça como fenômeno da vida humana em sua íntima relação com a Terra. A constituição de “mundo” nasce dessa relação originária e primordial entre os que vivem o lugar em sua familiaridade com outros entes.

Daí a ideia trazida por Dardel (2015) a respeito da “pre-sença” como dimensão indissociável para repensar a essência de espaço geográfico e o geográfico que há no espaço. De um modo geral, “pre-sença” significa ser-e-estar-no-mundo na medida de sua própria constituição espacial. A isto, Heidegger (1988), reconhece como “a espacialidade da pre-sença”, que, em sua essência, já se assume dentro de um “mundo”, porém, sempre em processo de reconhecimento de si e do que se encontra em seu “mundo circundante” (*Umwelt*). Nas palavras de Dardel (2015):

Que o espaço geográfico aparece essencialmente qualificado por um situação concreta que afeta o homem, isso é o que prova a espacialização cotidiana que o espacializa como afastamento e direção. A distância geográfica não provém de uma medida objetiva, auxiliada por unidades de comprimentos previamente determinados. Ao contrário, o êxito de medir exatamente resulta dessa preocupação primordial que leva o homem a se colocar ao alcance das coisas que o cercam. (DARDEL, 2015, p. 9).

Não existe, por assim dizer, no tocando à dimensão ontológica-existencial, uma formulação prévia de “mundo”, de modo que “no ser-no-mundo da circunvisão, descobre-se como espacialidade do todo instrumental pertence sempre ao próprio ente com o seu local” (HEIDEGGER, 1988, p. 152). Outros espaços, portanto, tornam-se estranhos na medida em que cada “pre-sença”, enquanto ser-no-mundo, já anuncia uma maneira própria de sua espacialidade. Em síntese, para Dardel (2015), é um equívoco da ciência moderna acreditar que exista um sistema de sentidos *a priori* que defina sentidos ao sentidos de mundo:

O geógrafo que mede e calcula vem atrás; à sua frente, há um homem a quem se descobre a face da Terra; há o navegante vigiando as novas terras, o explorador na mata, o pioneiro, o imigrante, ou simplesmente o homem tomado por um movimento insólito da Terra, tempestade, erupção, enchente. Há uma visão primitiva da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar (DARDEL, 2015, p. 7).

Como forma de contrapor as imposições do positivismo, Dardel (2015), assim mesmo como Heidegger (2012), embora de maneiras próprias, trazem ao debate a questão do habitar (*Wohnen*), manifestando-se, neste contexto, como base de repouso, um lugar seguro. Neste caso, é interessante observar que tanto Heidegger quanto Dardel, buscam por reflexões a partir do poeta alemão Hölderlin: no caso de Dardel (2015, p. 5), o poema “Fantasia da Manhã”, onde, segundo o geógrafo, “o mundo circundante convida o poeta Hölderlin a se dissolver na inconsciência dos elementos”⁵. Em Heidegger (2012), Hölderlin aparece de forma essencial, tendo como referência o poema “...poeticamente o homem habita...”.

Pode-se incluir que, “Terra” significa uma campo estruturado a partir de relações complexas entre os indivíduos, entre as existências, onde encontramos amigos, objetos, lembranças boas-e-ruins, e portanto, encontramos a nós mesmos. A geografia, neste caso, aproxima-se ao máximo de um sentido de “Terra” para além da interpretação mecanicista. De forma precedente, já vimos que o espaço não é algo exterior ao ser do homem, conforme nos orienta Heidegger (2015), desvelando, portanto, uma espécie de “geografia mítica”, que nasce

⁵ “No poente brota uma primavera vejo florescer um sem número de rosas, e o mundo repousa em seus reflexos de ouro. Oh! Levai-me, nuvens de púrpura! Somente se meu amor e minha do puderem se dissolver no ar e na luz!” (Hölderlin citado por Dardel, 2015, p. 5).

nos seios de toda inquietude e forma mais íntima de existência entrelaçada com este sentido de Terra, tal como, poeticamente, fora entendido por Dardel (2015):

Visto que a Terra é a mãe de tudo o que vive, de tudo que é, um laço parentesco une o homem a tudo que o cerca, às árvores, aos animais, até às pedras. A montanha, o vale, a floresta não são simplesmente um quadro, um “exterior”, mesmo que familiar. Eles são o próprio homem. É lá que se realiza e se conhece [...] (DARDEL, 2015, p. 49).

A partir dessa relação, podemos entender que “não é o homem que faz uma ideia do espaço, é o espaço que vem ao seu encontro e o chama; ele só existe nessa atualização, nesse movimento de se apresentar. Isso não significa que o que ‘está fora do espaço’ esteja fora da realidade” (DARDEL, 2015, p. 51). Ainda sobre a concepção de Dardel (2015) referente a Terra enquanto palco das relações intersubjetiva humanas, ou seja, da existência do humana e sua concretude vivida, e sobretudo experimentada com o corpo, Besse (2015) nos esclarece:

A Terra não é para Dardel um *objeto*, mas, sobretudo, o limite de toda objetividade e horizonte na qual ela se recorta. É necessário entender que a Terra não pode ser vista como o produto de uma operação de objetivação, que a reduzirá a uma imagem mensurável sob o olhar, ou seja, uma representação. A Terra contraria a vontade de dominar, correlativa à objetivação tecnocientífica (BESSE, 2015, p. 127).

Percebe-se que Dardel (2015) afasta-se da concepção objetiva de compreensão da Terra, que no caso, não pode ser confundida com o sentido de “mundo”. A este modo, Dardel (2015, p. 42), esclarece que “O homem está em um combate incessante, é o dia que dá às coisas um sentido, uma grandeza, um afastamento, fazendo emergir um mundo, e a noite, da ‘Terra’, o fundo escuro, o que retorna a obra humana quando, abandonada, volta a ser pedra, madeira e metal”. Terra, em outras palavras é a meditação devaneante, o pensamento profundo e íntimo, desvelador de possibilidades que, em seu âmago, oferta sentidos de mundo.

Besse (2015) interpreta da seguinte maneira:

O mundo é definido como um conjunto de possibilidades, concernentes mais às ações práticas cotidianas que às escolhas morais e políticas. *Um mundo é também o conjunto das direções da ação e do pensamento que*

determinam uma *época* específica da história. No entanto ocorre sempre um conflito entre esse mundo, que não passa de *um* mundo, e a Terra. Frente a frente com esse mundo, a Terra é um fundo impassível, a reserva não histórica e indiferente à qual o mundo deve arrebatá-la para ser [...] A Terra é para Dardel, na sequência de Heidegger, algo como a “retirada” ou sombreamento da luz [...] a gravidade, a radiação característica de determinada cor, por exemplo, não podem ser realmente alcançados por uma mediação analítica, mas somente percebidos e provados (BESSE, 2015, p. 125-126).

É necessário, segundo Dardel (2015) que a geografia possua o papel de conduzir a todos nós, à “compreender” os *signos* e fenômenos que a Terra pode potencializar enquanto relação/direção com o próprio ser-no-mundo, nosso *Dasein*. Cabe extrair nesse momento, a tentativa de Dardel (2015) caracterizar ontologicamente a existência do que Husserl (2014) denominaria de *Lebenswelt*, isto é, o “mundo da vida”, onde as coisas acontecem e se fazem ser mediante à quem vive, de corpo e alma.

A partir dessas bases, nos aproximamos de nosso próprio ser geográfico a partir daquilo que Dardel (2015, p. 5) chamou de “geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam caminhos para um outro mundo”. O habitar poético refere-se, segundo Saramago (2014, p. 220), ao modo como a “existência humana é concebida como o habitar *entre* a terra e o céu, ou o habitar *entre*”. Mas, o que significa “habitar entre”? Para este entendimento, é necessário que destaquemos a seguinte palavras de Heidegger ([1954] 2006):

Os espaços abrem-se pelo fato de serem admitidos no habitar do homem. Os mortais são, isso significa: em habitando têm sobre si espaços em razão de sua de-mora junto às coisas e aos lugares. E somente porque os mortais têm sobre si o seu ser de acordo com os espaços é que podem atravessar espaços. Atravessando, não abrimos mão desse ter sobre si. Ao contrário. Sempre atravessamos espaços de maneira que já os temos sobre nós ao longo de toda travessia, uma vez que sempre nos de-moramos junto a lugares próximos e distantes, junto às coisas. Quando começo a atravessar a sala em direção à saída, já estou lá na saída. Não me seria possível percorrer a sala se eu não fosse de tal modo que sou aquele que está lá. Nunca estou somente aqui como um corpo encapsulado, mas estou lá, ou seja, tendo sobre mim o espaço. É somente assim que posso percorrer um espaço (HEIDEGGER, ([1954], 2006, p. 8).

Nas pesquisas geográficas, tratando-se em contexto de Amazônia, não é muito difícil encontrar o sentido de “habitar” vinculado ao meramente conceito material de “morar”, como se construir uma casa, por exemplo, fosse, necessariamente um habitar. Conforme Heidegger ([1954] 2006) habitar (*Wohnen*) não limita-se à substância material e à formalidade mecânica de um determinado espaço, mas expressa valores, atitudes e ações referente à quem, neste ou naquele espaço, faz-se parte deste habitar um modo de cuidado, preservando, de tal maneira, o ato de demorar-se como acesso à intimidade e, portanto, um sentido único de estar-ali:

Quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço de outro. O espaço, porém, não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objeto exterior e nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles, espaço. Ao se dizer "um homem" e ao se pensar nessa palavra aquele que é no modo humano, ou seja, que habita, já se pensa imediatamente no nome "homem" a demora, na quadratura, junto às coisas. Mesmo quando nos relacionamos com coisas que não se encontram numa proximidade estimável, demoramo-nos junto às coisas elas mesmas. O que fazemos não é simplesmente representar, como se costuma ensinar, dentro de nós coisas distantes de nós, deixando passar em nosso interior e na nossa cabeça representações como sucedâneos das coisas distantes (HEIDEGGER, [1954], 2006, p. 8).

É habitando, neste demorar-se, que o homem, conforme Heidegger ([1954] 2006, p. 7) presentifica sua existência enquanto espacialidade do corpo, reconduzindo, digamos assim, a ideia de espaço, do latim *spatium*, ou seja, como “coisa qualquer que ocupa uma posição”, para um sentido no qual, agora, não há “o” espaço, mas, sim, “espaços”, onde, portanto, há presença de mundos que dialogam entre si, nos “espaços-entre”. O que estamos tratando aqui, a partir de Heidegger ([1954] 2006) é, em outras palavras, a relação entre tempo-espaço que, conforme geógrafos como Tuan (2012, p. 12), por sua vez, vai ser a base para o sentido próprio de lugar: “Lugar é uma parada ou pausa no movimento”.

Essas ideias, de Heidegger à Tuan, podem ser traduzidas, a partir de Dardel (2015), pelo sentido geográfico do espaço, onde, para cada homem e mulher, há um sentido singular, inquietante, de modo à nos lançar ao jogo alternado das sombras e luzes, atravessadas pelo espírito geográfico que, não mais sendo analítico e disciplinar, agora é, sobretudo, símbolo de liberdade na medida que se tem um abrigo se chamar de *meu lugar*. Em relação à isto, Heidegger ([1954] 2006), diria: “permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento”.

Permanecer é criar raízes, não portos. Raízes ramificam-se, porém, nunca esquecem sua origem. Seria, por assim dizer, a “espacialidade da pre-sença” de Heidegger (1988) que, traduzida em “geograficidade” por Dardel (2015, p. 23), nos aproxima da consciência como abertura da “presença, presença insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta. Linguagem direta, transparente, que ‘fala’ sem dificuldade à imaginação...”. O ato de poetar como forma de existência e, ontologicamente, manifestando-se em “pre-sença” que, em seu íntimo ato de viver, já exige, ao mesmo tempo de sua geograficidade, a constituição própria de “mundo”. O geográfico do espaço, por sua vez, não entendido do ponto de vista técnico, mas em termos de significação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensar geográfico requer um certo “para além” das formas puras e técnicas fixadas no real por perspectivas científicas. O presente artigo, portanto, teve como objetivo evidenciar algumas ideias do geógrafo francês Eric Dardel e suas possíveis contribuições ao pensamento geográfico contemporâneo, onde, por meio do diálogo com outras formas de pensar, sobretudo com a filosofia heideggeriana, se propõem uma geografia preocupada com os problemas da existência humana, onde, a Terra, é base e meio para esta realização. De tal maneira, Eric Dardel nos lança ao desafio de repensar a geografia enquanto ciência, a partir de seu conceito fundamental pautado na “geograficidade”, isto é, ao amor a terra natal.

Importante formas de interpretar o que manifestamos em relação aos diversos espaços no qual habitamos, circulamos ou, simplesmente, visitamos. Dardel, nesse sentido, nos propõem a ideia de considerarmos os sentidos de vida e as significações existenciais em nossas análises para que, então, a geografia não se prenda à tão somente forma cartesiana de ciência, enquadrando, por essas vias, a vontade de conhecer o desconhecido ao mero quadrante do gabinete. É uma necessidade evocada por um geógrafo, ainda na década de 1950, mas que, sobretudo hoje, se faz imprescindível em nossas pesquisas, projetos e no ensino.

Alguns estudos, realizados em comunidades ribeirinhas no Marajó, demonstram a importância da proposta geográfica de Dardel (2015), sem que, necessariamente, haja uma

sobreposição de realidades (SILVA, 2018a; 2018b; 2020a; 2020b). Um necessidade surge em meio a essas experiências em campo e, considerando a fenomenologia, ainda há exigência para que tudo que foi trabalhado deste breve artigo, seja desenvolvido e ampliado nos curso de formação em geografia na Universidades amazônicas e, naturalmente, reverbera para o ensino básico como uma necessidade urgente de nosso tempo.

É fundamental, portanto, conforme Dardel (2015, p. 89), compreender a geografia “como o meio pelo qual o homem realiza sua existência, enquanto a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino”. De um modo geral, a proposta geográfica de Dardel (2015) pode muito nos auxiliar, em destaque para estudos que busquem, de uma maneira ou de outra, ultrapassar as barreiras dicotômicas da geografia, de modo que a relação sociedade-natureza sejam analisadas de forma integrada e que, inclusive, os próprios problemas ambientais sejam, antes de qualquer coisa, interpretados como, essencialmente, problemas da existência humana. Em certas formas de ser, a natureza influencia na vida e no comportamento de quem ali habita; uma certa pedagogia do lugar se manifesta por meio do corpo e este, por sua vez, evidencia o exercício de capacidade de ser-no-mundo.

REFERÊNCIAS

BESSE, J-M. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DAVIM, D. E. M.; MARANDOLA Jr., E. J. Forças em luta: Bachelard e Nietzsche na geografia de Éric Dardel. **Boletim de Geografia**, v. 38, n. 2, p. 94-112, 4 nov. 2020.

GALLO, P. M. D.; MARANDOLA Jr., E. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da geografia como ciência existencial. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 11, n. 16, p. 173–200, 2017.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 2ª Ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar (Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback). In: **HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, p. 125-141, 2006.

HEIDEGGER, Martin. Poeticamente o homem habita.... In: **Ensaios e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, pág. 137-147, 2008.

_____. A influência de Eric Dardel na construção da Geografia Humanista norte americana. **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos (ENG): Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças-Espaço de Socialização de Coletivos**. Porto Alegre: AGB, 2010.

LÉVINAS, E. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOREIRA, E. Ideias para uma concepção geográfica da vida. Belém: SEMEC, 2012. In: MOREIRA, E. **Obras reunidas de Eidorfe Moreira**. Belém: CEJUP, 1989.

NOGUEIRA, A. R. B. Lugar como representação das existências. **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, p. 83-89, 2013.

RELPH, E. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **Canadian Geographer**. 14 (3): 193-201, 1970.

SARTRE, J. P. **Esboço para uma teoria das emoções**. (P. Neves, Trad.). Porto Alegre, Brasil: L&PM, 2012.

SILVA, F. K. R. da. Educação geográfica entre o rio e a floresta: experiências em uma comunidade ribeirinha na Amazônia-Marajoara (Pará). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 48, p. 278-298, 2020a.

_____. **Memória, percepção e experiência: a geopoética do habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (Pará)**. Curitiba: Editora CRV, 2020b.

SILVA, F. K. R. da. Geografia e Ensino: um olhar humanista. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, p. 391-405, 2018a.

_____. Sabor, estética e poesia: O habitar ribeirinho na Amazônia-marajoara (PA). **Geograficidade**, v. 8, n. 2, p. 53-64, 2018b.

TUAN, Y.-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.